

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

CLARA BUENO SENECHAL DE GOFFREDO

**FORMANDO NOVOS NOMES E MODIFICADORES:
PROCESSOS DE NOMINALIZAÇÃO EM WA'IKHANA/PIRATAPUYO**

Rio de Janeiro

2023

CLARA BUENO SENECHAL DE GOFFREDO

**FORMANDO NOVOS NOMES E MODIFICADORES:
processos de nominalização em wa'ikhana/piratapuyo**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para a obtenção da Licenciatura em Letras - Português/Alemão pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Kristine Sue Stenzel

Rio de Janeiro

2023

CIP - Catalogação na Publicação

G612f Goffredo, Clara Bueno Senechal de
FORMANDO NOVOS NOMES E MODIFICADORES: PROCESSOS
DE NOMINALIZAÇÃO EM WA'IKHANA/PIRATAPUYO / Clara
Bueno Senechal de Goffredo. -- Rio de Janeiro,
2023.
55 f.

Orientadora: Kristine Sue Stenzel.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português -
Alemão, 2023.

1. nominalização. 2. wa'ikhana/piratapuyo. 3.
línguas Tukano Oriental. I. Stenzel, Kristine Sue,
orient. II. Título.

CLARA BUENO SENECHAL DE GOFFREDO

**FORMANDO NOVOS NOMES E MODIFICADORES:
processos de nominalização em wa'ikhana/piratapuyo**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para a obtenção da Licenciatura em Letras - Português/Alemão pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Aprovado em

Prof.^a Dr.^a Kristine Sue Stenzel - UFRJ (Orientadora)

Prof. Dr. Gean Nunes Damulakis - UFRJ (Leitor crítico)

RESUMO

Este trabalho investiga o fenômeno da nominalização na língua wa'ikhana. Os objetivos eram identificar as situações em que ocorre, descrever quais são as estratégias morfossintáticas que o caracterizam, e averiguar as semelhanças entre os nomes deverbais e os demais nomes da língua. Para tal, foram utilizadas seis narrativas gravadas em vídeo e transcritas e traduzidas por falantes da língua, transferidas para o *software* Flex para a análise interlinear. Assumindo-se a definição de nominalização como um fenômeno no qual uma palavra de outra classe cumpre a função de um nome (OVERALL & WOJTYLAK, 2018:1), foi estudado o recorte das palavras com raízes verbais encontradas dentro de sintagmas nominais, agindo como núcleo ou como modificadores. Como resultados, observou-se que nomes deverbais podem compor tanto a subclasse dos nome animados como a dos inanimados; podem ainda funcionar como modificadores a partir de verbos estativos ou de verbos ativos. Quatro estratégias principais de sufixação foram encontradas: os sufixos nominalizadores *-di* e *-ye*, o sufixo singular *-do*, os classificadores para nomes inanimados e os sufixos *-g#* (MASC), *-go* (FEM) e *--da* (PL) para 1/2 pessoas. Por fim, quase todas as categorias nominais encontradas nos nomes não derivados foram vistas também em pelo menos um caso estudado, sugerindo que os nomes criados através da nominalização se encaixam no paradigma nominal da língua.

Palavras-chave: wa'ikhana/piratapuyo; família tukano oriental; nominalização.

ABSTRACT

This work investigates the phenomenon of nominalization in the Wa'ikhana language. The objectives were to identify the situations in which it occurs, to describe which morphosyntactic strategies characterize it, and to ascertain the similarities between deverbal names and other names in the language. To this end, six videotaped narratives were used, transcribed and translated by speakers of the language, and transferred to FleX software for interlinear analysis. Assuming the definition of nominalization as a phenomenon in which a word from another class fulfills the function of a noun (OVERALL & WOJTYLAK, 2018:1), this work focused on words with verbal roots found within nominal phrases, acting as either nucleus or as modifiers. As results, it was observed that deverbal nouns can compose both the subclass of animate and inanimate nouns; they can also function as modifiers formed from either stative verbs or active verbs. Four main suffixation strategies were found: the nominalizing suffixes *-di* and *-ye*, the singular suffix *-do*, classifiers for inanimate names, and the suffixes *-gu* (MASC), *-go* (FEM) and *--da* (PL) for 1st/2nd persons. Finally, almost all of the nominal categories found in the non-derived nouns were also seen in at least one case study, suggesting that the nouns created through nominalization fit the nominal paradigm of the language.

Key-words: Wa'ikhana/Piratapuyo; Eastern Tukano family; nominalization.

SUMÁRIO

1. Introdução	10
2. Revisão bibliográfica	13
2.1. Sobre nomes e funções nominais	13
2.2. O que é nominalização?	15
2.3. Nominalização lexical	17
3. Metodologia	19
3.1. Sobre a coleta dos dados	19
3.2. Sobre a análise dos dados	20
3.3. Sobre a seleção dos dados	22
4. Perfil tipológico da língua wa'ikhana	23
4.1. Nomes	23
4.2. Verbos	33
5. Análise dos dados	37
5.1. Nomes	37
5.2. Modificadores	43
5.3. Características da morfologia nominal	46
6. Conclusão	53
7. Referências bibliográficas	55

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa da região do Alto Rio Negro, apontando as cidade de Iauaretê e São Gabriel da Cachoeira e o território wa'ikhana	11
Figura 2 – Transcrição da narrativa Filha do líder no ELAN	20
Figura 3 – Análise interlinear da narrativa Filha do líder no FleX	21

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Exemplo do formato de apresentação dos dados	12
Quadro 2 – Pronomes pessoais em wa'ikhana	21
Quadro 3 – <i>Template</i> básico da palavra verbal finita em wa'ikhana	31
Quadro 4 – Panorama dos tipos de evidenciais em wa'ikhana	33
Quadro 5 – Afixos nominais em nomes deverbais animados e afixos nominais	47
Quadro 6 – Sufixos nominais em modificadores de nomes animados	49
Quadro 7 – Sufixos nominais em nomes deverbais inanimados	51
Quadro 8 – Sufixos nominais em modificadores de nome inanimados	52

LISTA DE GLOSAS

1, 2, 3	1 ^a , 2 ^a , 3 ^a pessoa	IPFV	imperfectivo
ADD	adicional	IRR	<i>irrealis</i>
AFFECT	afetado	LOC	locativo
ANPH	anafórico	MASC	masculino
AUM	aumentativo	NEG	negação
CLF	classificador	NMLZ	nominalizador
COM	companhia	OBJ	objeto
CONTR	contrastivo	PFV	perfectivo
COP	cópula	PL	plural
DEF	definido	POSS	possessivo
DEM	demonstrativo	PRES	presumido
DES	desiderativo	PROX	próximo
DIM	diminutivo	REP	reportado
DIST	distante	RP	repetidor
EMPH	ênfase	SG	singular
FEM	feminino	SPEC	especulativo
FRUS	frustrativo	VIS	visual
INDF	indefinido		
INS	instrumento		

1. INTRODUÇÃO

O objetivo do presente trabalho é identificar os processos de nominalização encontrados a nível do sintagma nominal na língua wa'ikhana/piratapuyo^{1,2}. Pretende-se averiguar quais funções essas nominalizações podem exercer dentro do sintagma nominal, mapear quais foram as estratégias morfológicas empregadas em sua formação e enumerar as semelhanças e limitações dessas construções em relação ao paradigma nominal da língua.

Nesta primeira seção, apresenta-se quem é o povo wa'ikhana e suas principais características sociológicas e linguísticas. Para que se discuta o fenômeno da nominalização, é necessária uma elaboração prévia do que se compreende por “nomes” como classe lexical, e como podem ser formados a partir de outras classes; desse tema tratará a segunda seção. Na terceira seção, é explicada a metodologia, a origem dos dados em questão e as ferramentas utilizadas para a sua análise. Na quarta, expõem-se brevemente as principais propriedades morfossintáticas da língua wa'ikhana, a fim de estabelecer quais são essas características nominais a serem procuradas na nominalização.

A seguir, a quinta seção exhibe a análise dos dados encontrados, que dizem respeito especificamente à nominalização. É dividido entre os exemplos de nominalização que atuam como núcleos do sintagma nominal e aqueles cuja função é de modificador do núcleo, a fim de depreender as características morfológicas de cada um desses casos. Nessa seção há também uma síntese dos processos de nominalização encontrados e uma exploração de seu alinhamento com as características nominais da língua wa'ikhana.

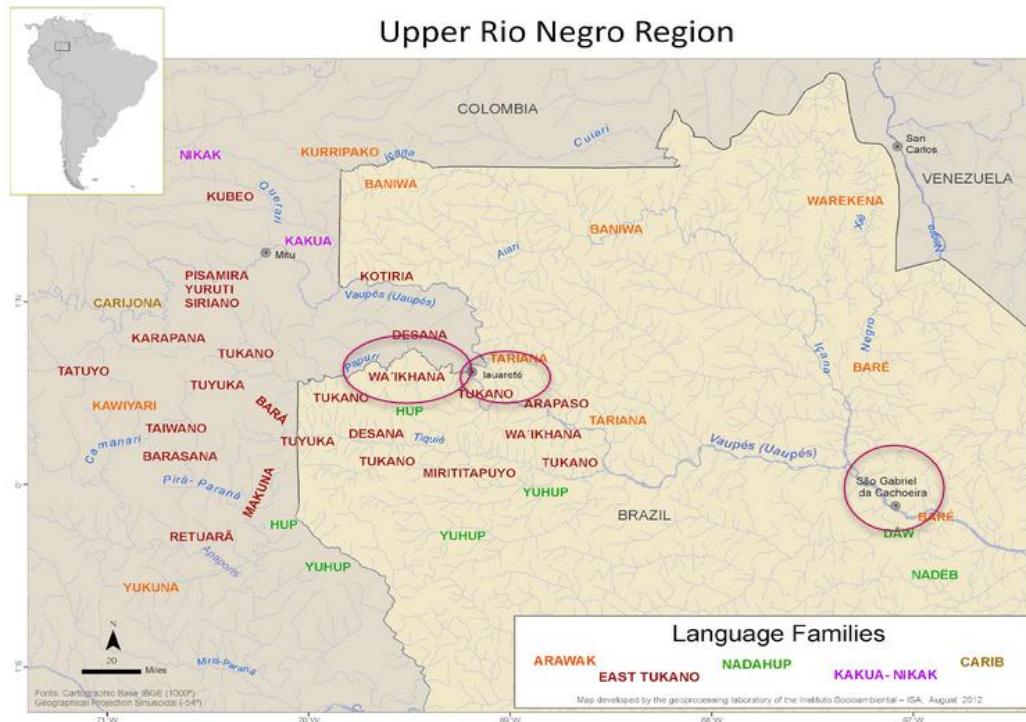
O povo wa'ikhana é um povo indígena que vive majoritariamente na região do Alto Rio Negro, na fronteira entre o Brasil e a Colômbia. São aproximadamente 1725 indivíduos, dos quais 75% vivem em território brasileiro. Nas últimas décadas, a busca por mais oportunidades de educação e trabalho levou a movimentos migratórios de moradores das aldeias para cidades como Iauaretê, São Gabriel da Cachoeira e Santa Isabel do Rio Negro³ (STENZEL, 2005: 22).

¹ O povo é conhecido pelos dois nomes, este sendo a denominação em nheengatú (família tupi-guarani), e aquele, o nome tradicional em wa'ikhana. Tendo em vista que o primeiro termo é a denominação do povo na sua própria língua (*wa'ikhana* ‘povo-peixe’), escolhido por eles, será esse o nome utilizado daqui em diante.

² Em relação à nomenclatura de origem tupi-guarani, tanto a palavra “piratapuyo” quanto “piratapuya” são utilizadas para fazer referência ao povo e à língua, nas mais diversas fontes.

³ Para mais informações a respeito da cultura e história dos Wa'ikhana, ver o artigo “Pira-tapuya” na página Povos indígenas no Brasil (ISA). Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Pira-tapuya>. Acesso em 03/01/2023.

Figura 1 – Mapa da região do Alto Rio Negro, apontando as cidade de Iauaretê e São Gabriel da Cachoeira e o território wa'ikhana



Fonte: Epps & Stenzel, 2013: 10-11

Nessas cidades multiétnicas, contudo, a língua falada principalmente é o português (embora tukano seja considerada a *lingua franca* da região, e é utilizada em Iauaretê concomitantemente ao português) (STENZEL, 2005: 13 *apud* BALKOVA 2019a: 9). O conseqüente declínio no uso da língua wa'ikhana, especialmente entre os jovens, faz com que seja considerada uma língua ameaçada. Balykova (2019a: 9) destaca que, mesmo dentro dos domicílios, o uso da língua wa'ikhana hoje é reduzido — situação ainda mais grave entre a população de menos de 24 anos de idade.

Portanto, medidas que valorizem e ajudem a preservar esse patrimônio linguístico são essenciais. Nesse sentido, têm sido realizados projetos, incluindo diversas oficinas com a comunidade wa'ikhana e o desenvolvimento de cartilhas e de uma gramática pedagógica, visando a revitalização da língua nas escolas indígenas (BALKOVA, 2019a: 10; CEZARIO, 2019: 20). Em termos acadêmicos, o estudo da língua é também esparso, mas vem crescendo, e o presente trabalho se une a esses esforços, dentro do projeto Línguas Indígenas Amazônicas em Perspectiva Tipológica, contribuindo para a descrição de aspectos morfossintáticos da língua.

A língua wa'ikhana é parte da família tukano oriental, composta por dezesseis línguas ainda faladas. Dentre todas, wa'ikhana tem semelhanças intensas com a língua kotiria/wanano, sendo as duas consideradas um sub-ramo específico (CEZARIO, 2019: 19). Ambas demonstram sistemas de nominalização ricos e variados, tanto em termos de estrutura quanto em usos para essas estruturas; característica vista em muitas línguas da região (OVERALL & WOJTYLAK, 2018). Esta pesquisa procura então se debruçar sobre esse assunto, dentro do recorte das raízes verbais encontradas exercendo funções tipicamente nominais⁴.

Para tal, pretende-se primeiramente delinear quais são as características estruturais e distributivas dessas classes lexicais na língua wa'ikhana. A partir dessa descrição, serão trazidos exemplos que mostram o uso da nominalização para a formação de novos nomes e para a expressão de propriedades. Com base nesses dados, por sua vez será possível averiguar também em quais aspectos os processos de nominalização aproximam-se do que seria o paradigma nominal da língua.

⁴ Há também diversos exemplos de nominalizações com função de subordinação de orações na língua, fenômeno que não é o foco deste trabalho, mas que carece ainda de estudos aprofundados.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Esta seção tem como objetivo explorar as bases teóricas do trabalho. Na primeira subseção, é explicada qual é a definição de “nome” empregada para a análise; em seguida, a subseção 2.2 esclarece o que é o fenômeno da nominalização e, portanto, quais critérios foram considerados na seleção dos dados. Por fim, a subseção 2.3 tem como foco especificamente a nominalização lexical.

2.1. Sobre nomes e funções nominais

Segundo Payne (1997: 32) todas as línguas parecem ter duas classes lexicais principais: os nomes e os verbos. A definição dessas classes, embora só possa ser feita a partir dos critérios internos de cada língua, ocorre a partir das características morfossintáticas encontradas — o que o autor descreve como a análise das propriedades estruturais (a forma das palavras, os afixos que podem receber, quais categorias podem indicar) e das distributivas (em que situação, tanto em sintagmas quanto em orações, são utilizadas essas palavras). Também para muitas línguas é possível identificar a existência de outras classes lexicais, como adjetivos e advérbios. Para além dessas, também podem ser encontradas classes de função gramatical, como adposições e conjunções.

A definição inicial de quais são as classes e quais são os seus limites de variação é uma tarefa notavelmente difícil, na medida em que muitas vezes as “fronteiras” (especialmente de classes como adjetivos e advérbios) são turvas. Uma estratégia possível é que se identifiquem nomes (ou verbos) prototípicos, e, a partir da descrição das características neles encontradas, se definam a forma e função de cada classe, para que aí então sejam classificados os exemplos mais incertos.

Uma maneira possível, mas não infalível, para a identificação de exemplos prototípicos de nomes é o critério semântico. Uma definição comum de “nome”, para qualquer língua, é a classe utilizada para se referir a conceitos claramente estáveis no tempo, como “montanha” ou “árvore” (GIVÓN, 1984: 51 *apud* PAYNE, 1997: 33); em contraste com os verbos prototípicos, como “correr” ou “quebrar”, cujos significados seriam conceitos pouco estáveis no tempo. Seria então a descrição das características formais e funcionais desses exemplos a ferramenta através da qual seria identificada a classe de outros nomes quaisquer, como “amizade” ou “história”.

Embora não seja possível fazer afirmações universais e categóricas a respeito da natureza semântica e morfossintática da classe gramatical “nome”, é bem verdade que alguns

padrões se repetem. É comum, por exemplo, que haja subclasses nominais diferenciando nomes próprios de nomes comuns, possuíveis de não possuíveis, contáveis de massivos, entre outros. Em cada língua, é possível também que essas subclasses se reflitam em características morfossintáticas próprias. Outro padrão comum, em termos morfológicos, são as categorias gramaticais associadas a essa classe. Caso, gênero, número, classificadores, marcadores de posse e grau são alguns aspectos tipicamente expressados em formas nominais.

Aikhenvald (2011: 224), ao discutir a definição de classes gramaticais, fala de critérios sintáticos como a relação entre a classe gramatical e o papel funcional — por exemplo, dentro de orações, o predicado e os argumentos, e, dentro de sintagmas, o núcleo e os modificadores. Cada língua definirá, de acordo com seus próprios critérios, quais dessas funções são necessariamente nominais ou verbais, e esse é um aspecto essencial para a classificação. Pronomes ocupam o mesmo papel de sintagmas nominais; ou seja, têm as mesmas características distributivas dos nomes.

Em termos de distribuição, uma das funções nominais por excelência é a de núcleo de um sintagma nominal (embora naturalmente também possa ser exercida por pronomes, dependendo das possibilidades de cada língua). Contudo, outra função importante dentro do sintagma nominal é a de modificador do núcleo; e essa função por sua vez pode ser cumprida por outras classes.

Frequentemente, essa classe com papel de modificação é a dos adjetivos, que se posicionam em cada língua em lugares diferentes nesse contínuo teórico entre nomes e verbos. Balykova (2019a: 22) explica que, quando existentes, os adjetivos costumam exprimir ideias descritivas, e podem, portanto, expressar tanto conceitos estáveis (como “macho” e “fêmea”) quanto instáveis (como “doente”). Em outras línguas, acrescenta, esses conceitos poderiam ser lexicalizados de fato como nomes ou verbos, respectivamente. Essa característica semântica se repete no âmbito morfológico, podendo os adjetivos expressar categorias tipicamente verbais, como tempo.

Não obstante essa ambiguidade, a modificação do núcleo do sintagma é considerada a função sintática primária dessa classe (PUSTET & BATH, 2000, *apud* BALYKOVA, 2019a: 25). Enquanto modificadores, é comum que os adjetivos se alinhem em termos de categorias morfológicas à classe nominal; é também comum que se estabeleça uma concordância com o núcleo do sintagma. Nesse caso, enumera Aikhenvald (2011: 223), categorias típicas de adjetivos são a concordância de gênero e de número, para além da expressão de comparação.

A função de modificador pode acontecer também na forma de uma oração relativa, contendo, de acordo com os parâmetros da língua, um verbo e a estrutura completa ou parcial

de outra oração qualquer, incluindo seus complementos obrigatórios ou oblíquos. Entretanto, a existência dessa oração não é de modo algum obrigatória.

Contudo, frequentemente surge uma questão problema: e se uma determinada função for, em determinado contexto, realizada por uma palavra ou sintagma de uma classe não correspondente? Nesses casos, faz-se uso de processos de derivação — e, se a função cumprida for nominal, o que se tem então é uma nominalização.

2.2. O que é nominalização?

De forma muito generalizada, pode-se definir nominalização simplesmente como um processo que transforma palavras de outras classes gramaticais (geralmente verbos e adjetivos) em nomes — isto é, como se estabeleceu acima, em uma palavra cujas características distributivas e estruturais se aproximem daquelas que definem a classe “nomes” em uma língua. Comrie e Thompson (2007: 377) afirmam que uma nominalização pode ocorrer em qualquer situação em que seja possível um sintagma nominal qualquer, e, como tal, é vista mais frequentemente como argumento (sujeito e objeto) verbal, ou como objeto de preposição. Dentro dessa definição, contudo, há inúmeras questões a serem discutidas: quais categorias gramaticais o novo “nome” expressa? Estão mais alinhadas às dos nomes não derivados ou mantém ainda as categorias da palavra original (por exemplo, tempo, modo e aspecto de verbos)? O fato de que exerce uma função nominal é mesmo suficiente para caracterizar um elemento como “nominalizado”?

De fato, sobre essa última questão, há divergências consideráveis. Aikhenvald (2011: 262-264) vai de encontro à definição de Comrie e Thompson ao argumentar que esse critério é pouco eficiente, questionando a validade de descrever como nominalização uma determinada estrutura clausal que ocupe, por exemplo, a função (nominal) de complemento verbal, mas mantém todas as suas características sintáticas intactas.

Para fins deste trabalho, o foco recairá especificamente sobre a nominalização de raízes verbais, e a definição utilizada será a de Overall e Wojtylak (2018: 1), que reforça uma análise funcional do fenômeno:

(...) nominalização deverbal é a habilidade de uma língua de ‘reificar um predicado verbal e apresentá-lo como um argumento nominal ou um modificador’ (Deutscher 2009:199); em outras palavras, de permitir que um predicado verbal forme (parte de)

uma expressão referencial, isto é, um sintagma nominal.⁵

Esse é um processo central, os autores reforçam, na gramática de diversas línguas da região amazônica.

Partindo dessa definição, há diversos aspectos da nominalização a serem estudados. Em termos de marcação formal, de modo geral há três opções, não exclusivas: a presença de morfologia específica para nominalização, o uso de um mecanismo gramatical de outra função que adicionalmente nominalize o verbo, ou a ausência de qualquer marcação (para essa distinção, faz-se necessária uma descrição prévia do que constitui uma forma verbal finita na língua em questão, e é mais comum para a geração de novos termos lexicais do que para orações inteiras). Além disso, os nomes deverbais podem ter as possibilidades de categorias gramaticais iguais às de qualquer nome não derivado da língua, ou pode haver opções apenas limitadas — e o mesmo se aplica à manutenção ou não da morfologia verbal. Essa variação de grau de semelhança com nomes e com verbos também é relevante para a sintaxe; ou seja, é relevante analisar como se dá a expressão dos argumentos verbais na nova forma nominal.

Como explicam Comrie e Thompson (2007: 334), o significado de um nome deverbal costuma ser bastante imprevisível; Aikhenvald (2011: 247-248) enumera também que o nome criado pode se referir à atividade ou ao estado em si, ou a um dos argumentos principais, como o agente ou o objeto, mas também podem-se originar nomes indicando complementos oblíquos como instrumento, modo de realização, localização, motivo, entre outros. Essa divisão também pode corresponder, dentro de uma língua, a características morfossintáticas distintas.

É muito comum que uma língua tenha mais de uma forma de nominalização, ou que use diferentes estratégias com diferentes resultados morfossintáticos. Nesse sentido, para uma análise mais complexa, Overall e Wojtylak (2018: 4) colocam à frente as seguintes distinções:

- a. Nominalização lexical ou derivacional (com a função de expansão do léxico);
- b. Nominalização gramatical ou sintática (com a função de subordinação de orações); e
- c. “Action” nominals (uma construção “mista”).

Para além dessa classificação, tanto Aikhenvald (2011: 269) quanto Overall e Wojtylak (2018: 10) apontam que as estratégias de nominalização (em especial as alterações

⁵“(…) deverbal nominalization is the ability of a language “to reify a verbal predicate and to present it as a nominal argument or modifier” (Deutscher 2009: 199); in other words, to allow a verbal predicate to form (part of) a referring expression, that is, a noun phrase.” Tradução livre.

na morfologia) frequentemente têm funções múltiplas: podem ser empregadas também em construções para acrescentar informações atitudinais ou de modalidade, por exemplo, ou fazer parte de estratégias de evidencialidade. Por se tratar de uma pesquisa inicial, o presente trabalho lidará principalmente com o primeiro tipo, observando os processos de nominalização encontrados como núcleos de sintagmas nominais. O segundo processo diz respeito tanto à complementação, na qual a oração nominalizada cumpre a função de complemento verbal, quanto à relativização, na qual o papel da nominalização é de modificador dentro de um sintagma; deste último tipo também tratará em parte este trabalho, na medida em que a classe “adjetiva” da língua wa’ikhana é composta quase totalmente por verbos estativos nominalizados (BALYKOVA, 2019a: 133).

2.3. Nominalização lexical

Conforme comentado, o primeiro tipo de nominalização tem uma função em primeiro lugar de formação de novos nomes para a expansão do léxico da língua. Ocorre com a modificação do verbo, e não, como os outros tipos, com a modificação da oração inteira. Se são mantidos os argumentos “originais”, devem se adequar à sintaxe dos sintagmas nominais da língua (um exemplo clássico emprega a nominalização de “destroy” para “destruction”, explicitando como o sujeito e o objeto da oração “The enemy destroyed the city” assumem a forma de modificadores no sintagma nominal “the enemy’s destruction of the city”).

O principal fator a se atentar na descrição dos processos de nominalização lexical é o fato de que esses novos nomes podem estar mais ou menos alinhados às características morfossintáticas dos nomes, ou às dos verbos. Por exemplo, no português, um nome deverbal funciona de modo geral tal qual qualquer nome não derivado da língua: a partir do verbo “pintar” pode ser criado o substantivo “pintor”, fazendo uso de um processo de sufixação. Esse nome pode receber plural em -s (pintores), artigos definidos ou indefinidos (o pintor, um pintor), ser modificado por adjetivos que concordam em gênero e número (os pintores talentosos) ou por orações relativas (“Os pintores que vieram para o Brasil retrataram paisagens belíssimas.”), encabeçar sintagmas com função de sujeito (“O pintor criou uma obra prima.”) e objeto (“Eu vi o pintor em seu estúdio.”), e daí por diante.

Contudo, não é incomum que os nomes deverbais constituam uma subdivisão nessa classe gramatical, por conta de características morfossintáticas específicas. De fato, em muitas línguas, esses novos nomes têm possibilidades reduzidas para a expressão de categorias nominais — por exemplo, podem não ser passíveis de algumas marcações de caso, de gênero

ou de plural que os nomes não derivados na língua recebem. Pela mesma lógica, os nomes deverbais podem manter informações tipicamente associadas às categorias verbais, que não seriam encontradas nos outros nomes. Aikhenvald (2011: 257-259) descreve nomes deverbais que expressam tempo, aspecto, valência, modalidade e evidencialidade. Naturalmente, todas essas características morfossintáticas devem ser observadas também no caso de construções de sentido “adjetivo”.

3. METODOLOGIA

Nesta seção será delineada a metodologia empregada neste trabalho. Na subseção 3.1, apresenta-se a origem dos dados utilizados e os procedimentos realizados para que pudessem ser analisados em cada software. Em seguida, a subseção 3.2 trata especificamente do processo de análise interlinear, elucidando também o formato como os dados serão apresentados. Por fim, a subseção 3.3 traz uma explicação a respeito da seleção dos dados utilizados especificamente para o estudo da nominalização.

3.1. Sobre a coleta dos dados

O trabalho foi realizado através da análise de dados primários, na forma de narrativas orais gravadas em vídeo, em viagens de campo para São Gabriel da Cachoeira realizadas por minhas orientadoras Kristine Stenzel⁶ e Bruna Cezario⁷ entre os anos de 2001 e 2019. Essas narrativas tratam tanto de situações cotidianas quanto de lendas, fornecendo também uma visão interessante a respeito da experiência e vivência wa'ikhana. As narrativas utilizadas foram “O Pajé e o Curupira”, por Jacinto Cruz, com duração de 14min43s, “O Grito do Macaco”, por Tomas Nogueira, com duração de 3min01s⁸, a “História da Canoa”, por Pedro Alba, de 6min20s, “Caraná”, por Pedro Fonseca Goes, de 3min44s, “Indo Buscar Açaí”, por Marcelino Cordeiro, de 15min, e “Filha do Líder”, por Bonifácio Dias Alves, de 10min42s.

Cada uma delas veio acompanhada por transcrição e tradução livre, feitas por nossos colaboradores Cornélio Cruz, Edgar Cardoso e Marcelino Cardoso no programa TRANSCRIBER. Meu primeiro trabalho então foi colocá-las no software ELAN 6.4⁹, para garantir que estivessem com imagem, áudio e legenda sincronizados; ocasião em que também adaptei eventuais problemas relacionados aos caracteres da ortografia wa'ikhana que não apareciam corretamente devido à incompatibilidade com o teclado brasileiro, deixando assim os dados todos preparados para a análise. Abaixo, vê-se uma demonstração da narrativa Filha do Líder sendo editada através do programa ELAN.

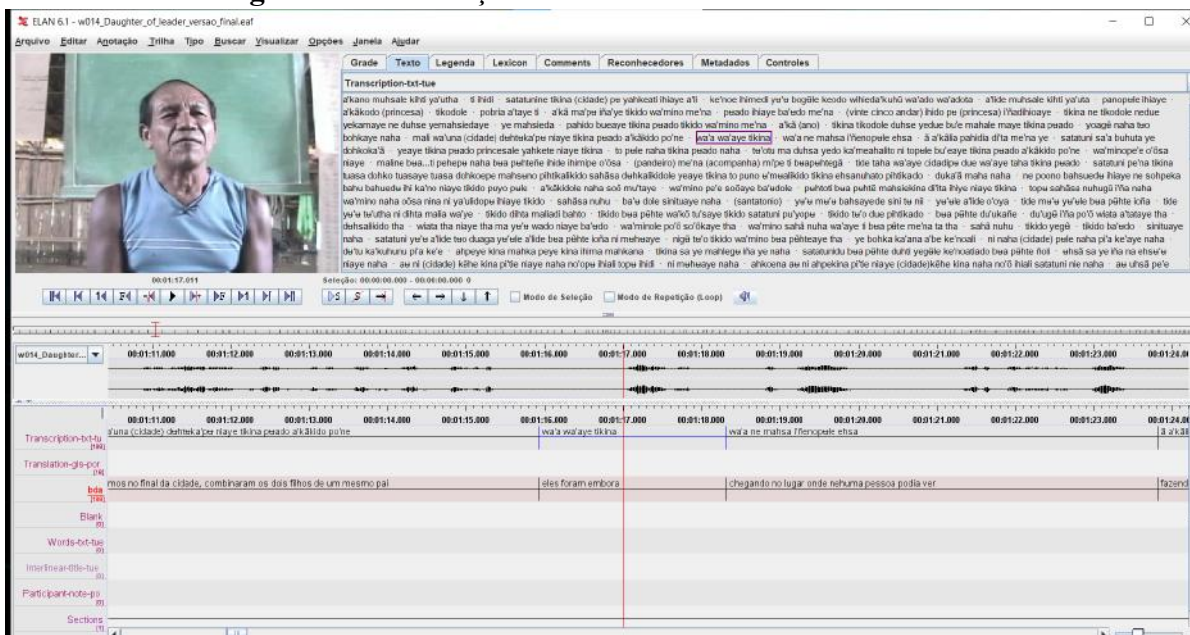
⁶ Kristine Stenzel, orientadora deste trabalho, é professora associada do Departamento de Linguística e Filologia da UFRJ.

⁷ Bruna Cezario, orientadora deste trabalho, é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ.

⁸ Esta narrativa já tem análise publicada em STENZEL, K. & CEZARIO, B. Wa'ikhana: Wehsep̄u buude wehêgu ehsamii emo sañodukugu tũ'osuaũ . Fui à roça caçar a cutia. Ouvindo o grito do macaco guariba no mato, fui atrás. In: *Revista LinguiStica*. Vol. 15 n. 1, jan.-abr./2019, p.384-417.

⁹ ELAN é uma ferramenta de anotação de vídeos e áudios. Foi desenvolvido pelo Max Planck Institute for Psycholinguistics e está disponível gratuitamente no site <https://archive.mpi.nl/tla/elan/download>. Acesso em 03/01/2023.

Figura 2 – Transcrição da narrativa Filha do líder no ELAN



Fonte: autoria própria

3.2. Sobre a análise dos dados

A seguir, esses arquivos foram transferidos para o programa FleX 9.0¹⁰. Esse programa possibilita a análise interlinear das narrativas através da segmentação das transcrições em morfemas que são então glosados. Para tal, registra cada morfema identificado para referência em futuras análises, construindo assim um banco de dados. Quando comecei, já havia sido alimentado esse banco de dados por outros membros do projeto (Bruna Cezario, Kristina Balykova e a professora doutora Kristine Stenzel), em especial a partir do Acervo Linguístico Cultural do Povo Wa'ikhana¹¹, que conta com mais de 40 arquivos de áudio e vídeo. Utilizei também nessa etapa dados coletados por elicitación e o dicionário digital com mais de 1500 entradas. Abaixo, vê-se uma demonstração da narrativa Filha do Líder sendo analisada no FleX.

¹⁰ O software FleX (Fieldworks Language Explorer) oferece ferramentas para organização de dados, desenvolvimento de dicionários e análise interlinear e morfológica. Foi desenvolvido pelo SIL International e está disponível gratuitamente no site <https://software.sil.org/fieldworks/download/>. Acesso em 03/01/2023.

¹¹ Esse projeto foi coordenado pela professora doutora Kristine Stenzel, com apoio financeiro do programa Endangered Languages Documentation Programme (ELDP). Os dados coletados podem ser encontrados no Endangered Languages Archive (ELAR), no link <https://elar.soas.ac.uk/Collection/MPI944429>. Acesso em 03/01/2023.

Figura 3 – Análise interlinear da narrativa Filha do líder no FleX

The screenshot shows the FieldWorks Language Explorer interface. The main window displays the text 'Narrativa 6 - Filha do líder'. The analysis is presented in three lines, each with a word number, the word, its morphological breakdown, the gloss, and a free translation. The glosses are in Portuguese and include morphological markers like REP: DIST, ANPH, PL, etc.

Line 18: **Palavra** *yooḡe* *naha* *tee* *bohkaʔe* *naha*
Morfemas *yoo* *ḡe* *-naha* *-tee* *-bohka* *-ʔe* *-naha*
Glosa Léx. *ser.cumpndo; ser.longe* *SWRF* *EMPH* *escutar* *achar* *REP: DIST* *EMPH*
 Livro *depois de muito tempo conseguiram planejar*

Line 19: **Palavra** *mali* *wa'una* (cidade) *dehokaʔe* *naye* *tikina* *psdo* *a'kikido* *poʔe*
Morfemas *-hali* *wa'a* *-i* *-na* ***** *deh-* *ka* *-ps* *-di* *-aye* *ti* *-kina* *pas* *-do* *a'ki* *-li* *-do* *poʔe*
Glosa Léx. *PL: INC* *ir* *1/2SGM* *IRR(?)* ***** *bsra* ***** *LOC* *dizer* *REP: DIST* *ANPH* *PL* *depois/duas* *SG* *um* *MASC* *SG* *filhos*
 Livro *nos vamos no final da cidade, combinamos os dois filhos de um mesmo pai*

Line 20: **Palavra** *wa'awaʔe* *tikina*
Morfemas *wa'a* *wa'a* *-aye* *ti* *-kina*
Glosa Léx. *w* *w* *REP: DIST* *ANPH* *PL*
 Livro *eles foram embora*

Line 21: **Palavra** *wa'a* *ne* *maha* *fiensopite* *eha*
Morfemas *wa'a* *ne* *maha* *fi-* *-no* *ps* *-le* *esa*
Glosa Léx. *w* *NEG* *gente; seres* *ver/olhar* *SG* *LOC* *OBJ* *chegar(lá); permanecer*
 Livro *chegando no lugar onde nenhuma pessoa podia ver*

Line 22: **Palavra** *ã* *a'kãli* *pahida* *dita* *me'na* *ye*
Morfemas ***** *a'kã* *-li* *-a* *pahi* *-di* *-a* *dita* *-be'da* *yee*
Glosa Léx. ***** *um* *NMLZ* *CLS.arrendondado* *ser grande* *NMLZ* *CLS.arrendondado* *chão; terra* *COM: INS* *fazer*
 Livro *fazendo uma grande bola de terra*

Line 23: **Palavra** *astumã* *sa'a* *buhuta* *ye* *dohkoka'i*
Morfemas *astumã* *sa'a* *buhu* *-ta* *yee* *dohko* *-ha'i*
Glosa Léx. ***** ***** *aparecer* *EMPH* *fazer* ***** *COMPL*
 Livro *fizeram parecida imagem de Santo Antonio*

Fonte: autoria própria

A partir dessa análise interlinear serão apresentados os dados deste trabalho. Haverá, como demonstrado abaixo, quatro linhas: na primeira, a forma ortográfica, bastante semelhante à forma de superfície (CEZARIO, 2019: 54), e, portanto, à transcrição direta das falas, e, na segunda, a segmentação em morfemas demonstrando a forma subjacente. Nessa segunda linha, o símbolo ~ indica um morfema inerentemente nasal. Nas linhas seguintes, encontram-se a glosa e a tradução livre.

Quadro 1 – Exemplo do formato de apresentação dos dados

Forma ortográfica (/transcrição) -	<i>wa'awa'aye tikina</i>
Forma subjacente (em morfemas) -	<i>wa'a-wa'a-aye ti~kida</i>
Glosa -	<i>ir-ir-REP: DIST ANPH/DEF-PL</i>
Tradução livre -	‘Eles foram embora.’

Fonte: elaboração própria

3.3. Sobre a seleção dos dados

Tendo então as narrativas devidamente transcritas, traduzidas e glosadas, pude começar de fato o trabalho da análise qualitativa do fenômeno da nominalização na língua wa'ikhana. Selecionei em cada texto os exemplos de verbos nominalizados encontrados em situações tipicamente nominais, e agrupei-os em arquivos no FleX (divididos entre “nomes já lexicalizados com raízes verbais”, “expressão de propriedades/modificadores”, e uma categoria separada para “orações traduzidas como relativas”). Para esse segundo caso, consulte também o trabalho de Balykova (2019a), no qual um dos focos foi a expressão de propriedades na língua wa'ikhana e que traz inúmeros exemplos. Busquei mapear também, a partir desses tipos, quais foram os processos morfossintáticos que levaram as raízes verbais a se comportarem funcionalmente como nomes.

4. PERFIL TIPOLOGICO DA LÍNGUA WA'IKHANA

Nesta seção, serão explicadas as principais características morfossintáticas da língua wa'ikhana, com foco na classe dos nomes (subseção 4.1), e com uma breve descrição da classe dos verbos (subseção 4.2). É a partir desse conhecimento que será possível, na seção seguinte, que se analise o funcionamento da nominalização. Outros aspectos da língua (fonológicos, principalmente), apesar de importantes, não têm relação direta com esse assunto, e não serão abordados no presente trabalho.

Primeiramente, contudo, uma visão geral: wa'ikhana é uma língua polissintética concatenativa, na qual nomes e verbos podem receber um grande número de informações através de sufixos. Tal qual muitas outras línguas da família tukano oriental, a ordem dos constituintes é, de modo geral, SOV — contudo, em wa'ikhana, o sujeito pode ser omitido ou colocado no final da oração, se puder ser inferido por contexto ou já tiver referência recente (CEZARIO, 2019: 58). Wa'ikhana é também uma língua de alinhamento nominativo-acusativo. O nome com função de sujeito nunca é marcado morfologicamente, mas os objetos de verbos transitivos, quando referenciais, são acrescentados do sufixo *-de*.

Abaixo, em (1) vemos uma oração com verbo na posição final e complementos verbais marcados. O sujeito, *tido*, 'ele, aquele' retoma a referência a alguém de quem já se estava falando, e vem no início da oração, sem marcação sintática. A seguir, veem-se dois complementos verbais diferentes acrescentados do sufixo *-de*: tanto o objeto que é oferecido (*wa'igã* 'peixinho') quanto o recipiente da ação 'oferecer comida' (*y'u'u* 'eu') são marcados.

- (1) *saye tido y'u'ule wa'igãle nu'u*
saye ti-do y'u'u-de wa'i --ga-de ~duu
 então ANPH/DEF-SG 1SG-OBJ peixe-DIM-OBJ oferecer.comida
 'Por isso, ele [meu concunhado] deu peixinho para mim.' [CARANÃ]

4.1. Nomes

A classe dos nomes em wa'ikhana é dividida em duas subclasses: os nomes animados e os inanimados. Todos podem ser núcleos de sintagmas nominais com função de sujeito, de complemento verbal e de complemento de cópula, não havendo diferenças distributivas

relevantes. Em termos das categorias gramaticais marcadas morfológicamente, contudo, a distinção é grande: nomes animados podem ter marcação de gênero e número, enquanto inanimados têm um sistema variado de classificadores. Ambas as subclasses podem receber os sufixos aumentativo *-di* e diminutivo *-~ga*, e podem receber a mesma marcação *-de* quando na posição de complemento verbal.

4.1.1. Nomes animados

Conforme explicado, os nomes animados diferenciam-se por poderem ter marcação de número e gênero. Além disso, podem receber um prefixo de determinante, bem como sufixos de diminutivo e objeto. A partir dos exemplos a seguir, sugiro que essa subclasse opera com o *template* [DET-**RAIZ**-GÊNERO-NÚMERO-DIM-OBJ], sendo a raiz marcada em negrito o único elemento obrigatório.

- Gênero

Em *wa'ikhana*, os nomes animados podem fazer a oposição entre os gêneros masculino e feminino, no singular. Nos nomes indicando humanos, essa diferença é marcada pelos sufixos *-ku/-u*, para o masculino, e *-ko/-o*, para o feminino, como pode-se ver nos exemplos (2a) e (2b) abaixo, e, nesses casos, o indicador *~(k)ada* do plural neutraliza essa diferença, como no exemplo (2c). Há também os casos de gênero inerentes, como a palavra *~dabo* ‘esposa’, e, se um nome animado humano não tiver indicação, assume-se o referente masculino, caso no qual acrescenta-se o sufixo feminino para se obter o correspondente.

- | | | | | |
|-----|----|--|----|---|
| (2) | a. | <i>wa'iku</i>
<i>wa'i-ku</i>
‘homem <i>wa'ikhana</i> ’ | b. | <i>wa'iko</i>
<i>wa'i-ko</i>
‘mulher <i>wa'ikhana</i> ’ |
| | c. | <i>wa'ikana</i>
<i>wa'i~kada</i>
‘os/as <i>wa'ikhana</i> ’ | | |

Nos nomes não-humanos, os sufixos de gênero não são acrescentados, mas essa categoria é indicada pelo uso desses sufixos nos modificadores, para a concordância. Os exemplos (3a) e (3b) abaixo mostram o uso da palavra *~kadaka* ‘galinha’ para os gêneros masculino e feminino, indicado pelo uso dos sufixos *-ku/-u* e *-ko/-o* respectivamente no indicador do possessivo alienável *yaa*.

- (3) a. *yaakido kanaka*
yaa-ki-do *~kadaka*
 POSS-MASC-SG galinha
 ‘meu galo’
- b. *yaakodo kanaka*
yaa-ko-do *~kadaka*
 POSS-FEM-SG galinha
 ‘minha galinha’

[BALYKOVA, 2019a: 109-110]

- Número

Apesar de ter um sistema de classe numeral de um a cinco (BALYKOVA, 2019a: 115), a distinção de número gramatical em *wa'ikhana* se dá entre singular (que pode indicar semanticamente até três ou quatro entidades) e plural. Nos nomes animados não derivados, tanto humanos quanto não-humanos, a oposição de gênero é neutralizada, e o plural é indicado principalmente pelo sufixo *-a*, enquanto o singular é não marcado ou marcado pelo sufixo *-do*, como nos exemplos (4a) e (4b) respectivamente.

- (4) a. *ahke* *ahkea* b. *pinono* *pinoa*
ake *ake-a* *~pido-do* *pido-a*
 macaco macaco-PL cobra-SG cobra-PL
 ‘macaco’ ‘macacos’ ‘cobra’ ‘cobras’

[BALYKOVA, 2019a: 117]

Para fins de praticidade, a glosa neste trabalho mostrará apenas a oposição singular X plural, embora, como explicado, o número gramatical singular possa fazer referência a até três ou quatro entidades.

4.1.2. Nomes inanimados

Enquanto os nomes animados na língua wa'ikhana recebem marcadores de gênero, os inanimados são caracterizados por um sistema rico e complexo de classificadores, uma propriedade pela qual as línguas da família tukano oriental são conhecidas (BALYKOVA, 2019b: 1). Além disso, tal qual os animados, podem receber um prefixo de determinante, bem como sufixos de diminutivo e objeto; e em alguns casos, pode não haver classificador, como no exemplo (5). Desse modo, sugiro que a subclasse dos nomes inanimados teria um *template* [DET-**RAIZ**-CLF-NÚMERO-DIM/AUG-OBJ] (novamente, está marcada em negrito a raiz para indicar que é o único elemento obrigatório).

(5) *sakaya, di'ipĩ, pekɰ, lanterna kɰou*

sakay di'i~pi pekɰ lanterna kɰa-u

arpão carne-CLF.lâmina espingarda lanterna ter-VIS.PFV.1

‘[Levei] um arpão de três dentes, terçado, espingarda, lanterna tenho.’ [CARANÃ]

- Classificadores

Classificadores têm função tanto de concordância quanto de derivação de novos nomes, como será visto adiante, e indicam características semânticas, especialmente físicas, desses nomes. Desse modo, os classificadores em wa'ikhana tendem a indicar o formato do objeto, como se vê em (6a) e (6b), o material de que é feito, como em (7a) e (7b), seu conteúdo, como em (8a) e (8b), ou sua função, como em (9).

(6) a. *ohoparo*

oho-pado

banana-CLF:curvo

‘fruto de banana’

b. *ohoño*

oho~yo

banana-CLF:palmeira

‘pé de banana’

- (7) a. *tabuawɯ*
tabua-wɯ
 tábua-CLF:edifício
 ‘edifício de madeira’
- b. *komestu*
 ~*kobe-stu*
 metal-RP:pote
 ‘pote de metal (panela)’
- (8) a. *wirimõãpɯ*
 ~*wiriboa-pɯ*
 limão-RP:aturá
 ‘aturá (cheio) de limão’
- b. *arusohudo*
aruso-hudo
 arroz-RP:saco
 ‘saco de arroz’

[BALYKOVA, 2019a: 113]

- (9) *di'iphĩ*
di'i-~phi
 carne-CLF:lâmina
 ‘faca, terçado’

- Plural

Enquanto nos nomes animados o plural de modo geral é marcado pelo sufixo *-a*, nos inanimados o padrão geral é que se acrescente o sufixo *-di*, como se vê nos exemplos (10a) e (10b). Contudo, alguns classificadores possuem formas plurais próprias (como é o caso de *-ga/-poka* ‘esférico’ e *-gɯ/yukɯ* ‘árvore’). Nesses casos, sempre será usada a variante do próprio classificador, como se vê em (11a) e (11b).

- (10) a. *yooparo*
yoo-pado
 milho-CLF:curvo
 ‘uma espiga de milho’
- b. *yoparori*
yoo-pado-di
 milho-CLF:curvo-PL
 ‘várias espigas de milho’

[BALYKOVA, 2019a: 119]

- | | | | | |
|------|----|---|----|---|
| (11) | a. | <i>u'segu</i>
<i>u'se-gu</i>
cucura-CLF:árv.SG
'um pé de cucura' | b. | <i>u'seyuhku</i>
<i>u'se-yuku</i>
cucura-CLF:árv.PL
'vários pés de cucura' |
|------|----|---|----|---|

[BALYKOVA, 2019a: 118]

4.1.3. Sufixo singular *-do*

O sufixo *-do* parece ter mais de um uso. Nos nomes animados não derivados, é um indicador de singular, opondo-se ao plural *-a*, como se vê em (12a) e (12b). Cumpre essa mesma função nos nomes animados derivados, como em (13a) e (13b), sobre os quais se discutirá mais a frente.

- | | | | | |
|------|----|--|----|---|
| (12) | a. | <i>umno</i>
<i>~ubu-do</i>
homem-SG
'homem' | b. | <i>umu-a</i>
<i>~ubu-a</i>
homem-PL
'homens' |
|------|----|--|----|---|

[BALYKOVA, 2019a: 118]

- | | | | | |
|------|----|--|----|---|
| (13) | a. | <i>ke'noarikido</i>
<i>~ke'doa-di-ki-do</i>
ser.bonito-NMLZ.SG-MASC-SG
'ser masculino bonito' | b. | <i>bahsarikido</i>
<i>basa-di-ki-do</i>
dançar-NMLZ.SG-MASC-SG
'dançarino' |
|------|----|--|----|---|

[BALYKOVA, 2019a: 107]

Contudo, Cezario (2019:62) aponta que esse mesmo sufixo usado com nomes massivos pode gerar correspondentes contáveis, como nos exemplos (14a), (14b), (14c) e (14d), funcionando de maneira semelhante a um classificador.

- | | | | | |
|------|----|-------------|----|----------------|
| (14) | a. | <i>ahko</i> | b. | <i>ahkoro</i> |
| | | <i>ako</i> | | <i>ako-do</i> |
| | | água | | água-SG |
| | | ‘água’ | | chuva |
| | c. | <i>padu</i> | d. | <i>paduro</i> |
| | | <i>padu</i> | | <i>padu-do</i> |
| | | areia | | areia-SG |
| | | ‘areia’ | | ‘praia’ |

[CEZARIO, 2019: 62]

4.1.4. Sufixos aumentativo *-di* e diminutivo *--ga*

Tal qual o sufixo *-de*, indicador de objeto, os sufixos *-di* e *--ga* parecem poder ser acrescentados a qualquer nome, seja ele animado ou inanimado. Abaixo, dois exemplos (15a) e (15b) demonstram esses casos respectivamente, com o diminutivo.

- | | | | | |
|------|----|---------------------|----|-----------------|
| (15) | a. | <i>wa'igãle</i> | b. | <i>khitigã</i> |
| | | <i>wa'i --ga-de</i> | | <i>kiti--ga</i> |
| | | peixe-DIM-OBJ | | história-DIM |
| | | ‘peixinho’ | | ‘historiazinha’ |

4.1.5. Posse

Há em wa'ikhana duas construções possessivas; uma para posse alienável e outra para a inalienável. Esta diz respeito a relações de parentesco e partes do corpo, enquanto aquela é utilizada para as demais situações. A posse inalienável não tem marcação morfológica, sendo construída simplesmente pelo termo que indica o possuidor e a referência ao possuído em justaposição. A posse alienável, porém, exige o uso do marcador *yaa*, singular, ou *yee*, plural, entre esses dois nomes. Na frase (16) abaixo tem-se exemplos desses dois casos: *yu'u pahku* ‘meu pai’ indicando uma relação de posse inalienável, e *pahku yaaphi di'iphine* ‘faca do pai’,

uma posse alienável (construção que inclusive constitui um sintagma nominal, levando ao uso do classificador *~phi* de ‘faca/lâmina’ também na palavra de posse).

- (16) *yɯ'ɯ yɯ'ɯ pahkɯ yaaphĩ di'iphĩne nei*
yɯ'ɯ yɯ'ɯ pakɯ yaa~phi di'i~phi-de ~de-i
 1SG 1SG pai POSS-CLF:lâmina carne-CLF:lâmina-OBJ pegar-VIS.PFV.1
 ‘Eu peguei a faca do meu pai.’

[BALYKOVA, 2019a: 122]

4.1.6. Pronomes

Em wa'ikhana, o conjunto de pronomes pessoais tem termos que variam em número (singular/plural) e gênero (masculino/feminino), bem como duas formas de primeira pessoa do plural, uma inclusiva e outra exclusiva. Em termos de distribuição, os pronomes podem ocupar os mesmos papéis (sujeito e complemento verbal) dos sintagmas nominais no geral, recebendo inclusive o sufixo *-de* marcador de objeto, como se confirma no exemplo (17). Pronomes também podem agir dentro do sintagma nominal como modificadores em construções de posse, como se viu no último exemplo (16) acima.

- (17) *yɯ'ɯ, Jacinto Cruz, mɯhsale yɯ'ɯ ya'udɯaga*
*yɯ'ɯ *** *** ~busa-de yɯ'ɯ yau-dua-aga*
 1SG *** *** 2PL-OBJ 1SG falar/contar-DES-PRES: INTER
 ‘Eu, Jacinto Cruz, eu vou contar para vocês.’ [PAJÉ]

No quadro abaixo, construído por Cezario (2019: 61), pode-se ver cada uma dessas formas pronominais, com suas formas ortográficas e subjacentes. Nelas observa-se também que os pronomes de terceira pessoa são constituídos do termo anafórico *ti*, acrescido dos sufixos de gênero *-kɯ/-ɯ* e *-ko/-o* no singular, bem como o de número *-do*, enquanto sua forma plural, com gênero neutralizado, recebe o sufixo *-kida* (discutido mais adiante na nominalização verbal)¹².

¹² Para fins de clareza e de reforçar o uso desses sufixos em outras situações, os pronomes em terceira pessoa serão glosados com seus morfemas segmentados. Por exemplo, *tikodo* aparecerá glosado como *ti-ko-do* ‘ANPH/DEF-FEM-SG’.

Quadro 2 – Pronomes pessoais em wa'ikhana

Pessoa	Forma ortográfica	Forma subjacente
1SG	<i>yɯ'ɯ</i>	<i>yɯ'ɯ</i>
2SG	<i>mɯ'ɯ</i>	<i>~bɯ'ɯ</i>
3SG.MASC	<i>tikido</i>	<i>tikido</i>
3SG.FEM	<i>tikodo</i>	<i>tikodo</i>
1PL.EXC	<i>isa/ɯsã</i>	<i>isa/~ɯsa</i>
1PL.INC	<i>mali</i>	<i>~badi</i>
2PL	<i>mɯsa</i>	<i>~bɯsa</i>
3PL	<i>tikina</i>	<i>tikina</i>

Fonte: CEZARIO, 2019: 61

4.1.7. Concordância

Os sintagmas nominais em wa'ikhana exibem concordância de número/gênero e de classificador, repetindo os sufixos encontrados no núcleo e até expressando, como é o caso do gênero, categorias inerentes ou não expressadas nesse núcleo. Abaixo, alguns exemplos ilustrativos: em (18), repete-se na palavra de posse *yaa* o classificador *--phi* encontrado no nome *di'iphĩne* 'faca'; em (19), tanto os modificadores do sintagma *tido* 'esse' e *mɯnana* 'finado' quanto o complemento da cópula *yaido* 'pajé' recebem o sufixo singular *-do*, concordando assim com o núcleo *bɯkɯdo* 'velho'.

- (18) *yɯ'ɯ pahkɯ yaaphĩ di'iphĩne*
yɯ'ɯ pakɯ yaa--phi di'i--phi-de
 1SG pai POSS-CLF:lâmina carne-CLF:lâmina-OBJ
 'faca do meu pai'

- (19) *tido bʉkʉdo tɯnɯno, yaido ihĩũgũ*
ti-do bʉkʉdo ~bʉda-do yai-do ihĩ~yugũ
 ANPH/DEF-SG velho finado-SG onça/pajé-SG COP-REP
 ‘Esse velho era pajé.’ [PAJÉ]

Ocasionalmente, os modificadores trarão informações que complementam o significado global. Esse fenômeno pode-se perceber no exemplo (20), em que o uso do classificador *-pa* ‘CLF:plano’, indicando o prato, é visto somente nos termos *ɸɯpa* ‘dois’ e *yeʹseyepari* ‘brancos’. Também interessante é o exemplo (21), no qual a informação de que o que se está fazendo é uma bola vem exclusivamente através do classificador *-a*, indicando formato arredondado, dos modificadores *aʹkãlia* ‘um’ e *pahidia* ‘grande’.

- (20) *wahpari ɸɯpa yeʹseyepari*
wahpa-di ɸɯa-pa yeʹse-ye-pa-di
 prato-PL dois-CLF:plano ser.branco-NMLZ.INDF-CLF:plano-PL
 ‘dois pratos brancos’

[BALYKOVA, 2019a: 117]

- (21) *aʹkãlia pahidia diʹta meʹna ye*
~aʹka-di-a pahi-di-a
 um-NMLZ.SG-CLF.arredondado ser.grande-NMLZ.SG-CLF.arredondado

diʹta ~beʹda yee
 chão/terra COM/INS fazer
 ‘Fazendo uma grande bola de terra.’ [FILHA]

4.2. Verbos

No quadro abaixo, de Cezario (2019: 76), está ilustrada a morfologia da palavra verbal na língua wa'ikhana. Nele, identifica-se que à raiz verbal podem se associar sufixos de negação, aspecto e modo, pessoa e gênero, e modalidade da cláusula.

Quadro 3 – *Template* básico da palavra verbal finita em wa'ikhana

<i>RAIZ(es)</i>	(1)	(2)	(3)	(4)
	<i>negação</i>	<i>aspecto modo</i>	<i>pessoa/gênero</i>	<i>modalidade da cláusula</i>

Fonte: CEZARIO, 2019: 76

Como se observa, a única categoria obrigatória para se definir um verbo como finito é a de modalidade da cláusula. Essa tem alguns tipos possíveis: evidenciais (referentes ao modo *realis*, indicam a fonte da informação - se é em primeira mão, se foi vista concretamente ou inferida, entre outras) e marcadores de *irrealis*, de imperativo e de interrogativo. O quadro a seguir, adaptado de Cezario (2019: 75), mostra o rico sistema de evidenciais presente na língua, bem como a morfologia empregada para cada um.

Quadro 4 – Panorama dos tipos de evidenciais em wa'ikhana

+ PRIMEIRA MÃO							- PRIMEIRA MÃO	
VISUAL				INFERENCIAL	PRESUMIDO		REPORTADO	
1P		2/3P			SUPOSTO	INTERNALIZADO	PROX	DIST
PFV	IPFV	PFV	IPFV					
<i>-i/ɯ</i>	<i>-aha</i>	<i>-di</i>	<i>-de</i>	<i>-di ihi-VIS</i>	<i>-aya</i>	<i>-aga</i>	<i>--yo 'ti</i> <i>--yoga</i>	<i>-aye</i>

Fonte: adaptado de CEZARIO, 2019: 75

Existem, contudo, mais três posições no paradigma, para outras categorias verbais. A posição (1) pode ser preenchida para indicar negação. De modo geral, ela se dá através do sufixo *-eda*, embora haja também algumas raízes de significado negativo (*~behe* 'não ser',

~be'o 'não conseguir', ~bade 'não ter'), que não recebem esse sufixo. O exemplo (22) abaixo demonstra o uso desse sufixo, acompanhado ainda da palavra *ne*, que reforça a negação.

- (22) *namonolē ne Dui ko'teraye taha*
*namo--do-le ~de *** ko'te-eda-aye taha*
 esposa-SG-OBJ NEG *** esperar-NEG-REP: DIST EMPH
 'O Luis não esperou pela mulher.' [AÇAÍ]

A segunda posição do paradigma verbal pode ser preenchida por sufixos de aspecto/modo, que indicam respectivamente a “estrutura” temporal interna da oração e a atitude do falante em relação a ela (PAYNE, 1997: 234). Em wa'ikhana, há algumas situações em que se marca o aspecto/modo: o imperfectivo, o durativo, o progressivo, o frustrativo, o dubidativo e o desiderativo. Nas frases abaixo, dois desses casos são apresentados: em (23), o *-eti* imperfectivo indica que o avô não fazia habitual ou repetidamente o ato de fumar. Já em (24), o sufixo *-dua* informa que a ação do verbo é um desejo do sujeito (não necessariamente do falante; nesse caso, quem deseja ouvir uma história é Bruna).

- (23) *yu'u ñehku mu'no yu'edatiri*
yu'u ~yeku ~bu'do yu'e-eda-eti-di
 1SG avô tabaco fumar-NEG-IPFV-VIS.PFV.2/3
 'Meu avô não fumava tabaco.'

[CEZARIO, 2019: 69]

- (24) *a'likoro Bruna mahsiduañoti ã'kano kihti ihide*
*a'li-ko-ro *** ~basi-dua--yoti ~i'ka--do*
 DEM.PROX-FEM-SG *** saber-DES-REP:PROX um-SG

kiti ihi-de
 história COP-VIS.IPFV.2/3
 'Essa Bruna deseja ouvir uma história.' [AÇAÍ]

A posição (3), reservada para pessoa/gênero, será preenchida apenas em uma situação específica: a formação do modo *irrealis*. O exemplo (25) fornece uma ilustração dessa construção, onde o sufixo *-g#* indica tanto que o referente é (nesse caso) em 1ª pessoa, quanto que seu gênero é masculino. Essa categoria é também informada, através de outras estratégias, no evidencial visual e no modo progressivo.

- (25) *me'nogã yee me'na y# kihti yau'taha*
 ~be'doga yee ~be'da y#
 agora POSS COM/INS 1SG
- kiti yau-i-taha*
 história falar/contar-1/2SGM-IRR
- ‘Agora, vou contar uma história com minha (língua).’ [AÇAÍ]

Um outro aspecto da morfologia verbal a ser contemplado nessa descrição é a serialização, fenômeno no qual duas ou mais raízes verbais são reunidas e funcionam como uma única palavra, criando significados particulares. É comum, por exemplo, o uso do verbo *duhku* ‘estar em pé’ para indicar duração, e de verbos de lugar/direção para especificar a informação dada por um verbo de movimento. Essas duas situações podem ser observadas no exemplo (26), no qual se especifica que a mulher chegou no fim da trilha que estava descendo, e que seu choro teve certa duração.

- (26) *bua'sa uhtiduhku*
bu'a-esa uhti-duhku
 descer.na.terra-chegar chorar-estar.em.pé
- ‘[Ela] chegou e ficou chorando em pé.’ [AÇAÍ]

Por fim, vale notar que, em orações coordenadas com sujeitos correferenciais, muitas vezes os verbos podem vir somente com raiz, em lista. Nessa situação, os sufixos acrescentados ao último verbo se aplicam também aos outros. A frase (27) é um exemplo disso, consistindo em uma enumeração das ações que a esposa fez em sequência, e

acrescentando somente ao último verbo a informação da modalidade da cláusula (o evidencial reportado distante) que se aplica também a todos os anteriores.

- (27) *uhtiduhku tu'asa, wakhũ tuhtua u'puñohãwa'aye namono pe'ata*
uhti-duhku tu'asa ~wahku tuhtua
 chorar-estar.em.pé terminar.de lembrar/refletir criar.coragem
- u'pu-~yoha-wa'a-aye ~dabo-no pe'a-ta*
 pular-?-ir-REP: DIST esposa-SG atravessar-EMPH
- ‘Depois que chorou, criou coragem e se jogou no rio a esposa.’ [AÇAÍ]

5. ANÁLISE DOS DADOS

Conforme comentado na introdução, umas das características marcantes da família Tukano Oriental é a presença robusta de nominalizações e de estratégias para construí-las. Neste trabalho, o foco recai somente sobre as nominalizações que compõem o sintagma nominal; ou seja, as com função de nomes e com a função de modificadores. Desses dois casos tratarão as subseções 5.1 e 5.2, respectivamente. A subseção 5.3 traz uma visão das categorias morfológicas nominais em wai'khana que essas nominalizações podem receber, e, portanto, do quanto se aproximam do paradigma nominal.

5.1. Nomes

Muitas das nominalizações encontradas exibem as mesmas características encontradas na classe dos nomes em wa'ikhana: podem ser núcleos de sintagmas com função de sujeito e de complemento verbal, fazem diferenciação entre animados e inanimados e exibem as concordâncias correspondentes. O sufixo nominalizador *-ye* é utilizado múltiplas vezes para a formação de nomes abstratos. Abaixo, o exemplo (28) demonstra uma palavra inanimada genérica de raiz nominal (*kɯdo*, 'verão'); em seguida, os exemplos (29) e (30) mostram nomes com características semânticas (inanimadas, abstratas) e distributivas semelhantes, mas que, entretanto, têm a raiz verbal: *asi-ye*, 'calor', *yɯ'sua-ye-gu-de*, 'frio' e *~dii-~be'o-ye* 'mentira'. O mesmo sufixo é empregado também para a formação de nomes deverbais massivos, como em (31) *~si'di-ye* 'bebida'.

- (28) *o'ōsaa kɯ'ma kɯno ihidii'yo*
 ~o'o-saa ~kɯ'ba ~kɯdo *ihidi-i'yo*
 então-assim verão um pouco COP-NMLZ.SG-CLF.tipo
 'Era dia de verão.' [Lit.: 'Sendo um dia de verão.'] [CARANÃ]

- (29) *tikiro, ke'noãñe ahsiye o'olikiro, yu'suayegũlẽ o'likiro ihiaye*
ti-ki-do ~ke'doa-ye asi-ye
 ANPH/DEF-MASC-SG ser.bom-NMLZ.INDF acender-NMLZ.INDF
- o'o-li-ki-do yu'sua-ye-gu-de*
 dar-NMLZ.SG-MASC-SG ser.frio-NMLZ.INDF-ADD-OBJ
- o'o-li-ki-do ihi-aye*
 dar-NMLZ.SG-MASC-SG COP-REP: DIST
- ‘Ele [o senhor das estações] era quem dava o calor e também dava o frio.’ [AÇAI]
- (30) *niime'oye meheta ihidi*
~dii~be'o-ye ~behe-ta ihi-di
 dizer-não.conseguir-NMLZ.INDF não.ser-EMPH COP-VIS.PFV.2/3
- ‘Realmente não é mentira.’
- [MACACO *apud* STENZEL & CEZARIO, 2019: 406]
- (31) *si'niye madaga*
~si'di-ye ~ba-da-ga
 beber-NMLZ.INDF não.existir-NEG-PRES: INTER
- ‘Não tinha bebida.’ [CARANÃ]

Ainda é possível, contudo, criar nomes deverbais abstratos que se referem a coisas específicas. No exemplo (29), acima, fala-se de calor e frio como noções genéricas — nos exemplos (32) a (36) a seguir, por outro lado, as referências são a elementos específicos, mesmo que abstratos ou incontáveis: *~dii-do* é ‘esse pensamento’, *~di'ka-do* ‘o acontecido’ é um fato específico, *bu'a-do-pu-le* é a descida de uma trilha já referenciada, *~i'ye-do-pu-le* é um lugar especial, e *ya'u-do* é o canto característico de uma espécie animal. Nesses casos, nota-se, o sufixo utilizado é *-do*, que nos nomes não derivados indica o singular.

(32) *yũ'ũ ninotha*

yũ'ũ *~dii-do-ta*

1SG dizer/pensar-SG-EMPH

‘meu pensamento’

[MACACO *apud* STENZEL & CEZARIO, 2019: 410]

(33) *yũ'ũ, Jacinto Cruz, mũhsale yũ'ũ ya'udũaga ni'kano*

yũ'ũ *** *~bũsa-le* *yũ'ũ* *yau-dũa-ga* *~di'ka-do*

1SG *** 2PL-OBJ 1SG contar-DES-PRES: INTER acontecer-SG

‘Eu, JC, eu vou contar para vocês o que aconteceu (o acontecimento).’ [PAJÉ]

(34) *topũ bu'adopũle*

to-pũ *bu'a-do-pũ-le*

ANPH/DEF-LOC descer.na.terra-SG-LOC-OBJ

‘na descida pela trilha’ [AÇAÍ]

(35) *ne mahsa i'ñenopũle (ehsa?)*

de *~bahsa* *~'ye-do-pũ-le* *(ehsa?)*

NEG gente/seres ver/olhar-SG-LOC-OBJ chegar/permanecer

‘Chegando ao lugar que nenhuma pessoa podia ver.’ [FILHA]

(36) *ya'udo mehetha*

ya'u-do *~behe-ta*

falar/contar-SG não.ser-EMPH

‘Não era o canto (que o guariba geralmente faz).’

[MACACO *apud* STENZEL & CEZARIO, 2019: 412]

Outra maneira de derivar um nome de uma raiz verbal é através do uso de classificadores, típicos de nomes inanimados como em (37): tem-se *di'i~phi*, ‘faca’ formada por uma raiz nominal seguida de um classificador que altera e especifica seu sentido original. Paralelamente, em *wuu-dia* ‘avião’, o classificador cumpre a mesma função com o verbo *wuu* ‘voar’.

(37)	(a)	<i>di'iphĩne</i>	(b)	<i>wulia</i>
		<i>di'i~phi-de</i>		<i>wuu-dia</i>
		carne-CLF:lâmina-OBJ		voar-CLF:redondo
		‘faca’		‘avião’

[MACACO *apud* STENZEL & CEZARIO, 2019: 412]

Quando o foco passa para os nomes animados, vê-se um exemplo interessante na palavra *buhu-di'i-do~ga*, ‘tamanduá’, em (38). Tal qual no nome *~pido-do*, ‘cobra’, a característica animado não humano cria a expectativa do sufixo *-do*, singular, em ‘tamanduá’ tem-se uma raiz verbal acoplada a uma nominal e seguida do mesmo sufixo.

(38)	(a)	<i>pinono</i>	(b)	<i>buhudi'idogã</i>
		<i>~pido-do</i>		<i>buhu-di'i-do~ga</i>
		cobra-SG		ser.grosso-carne-SG-DIM
		‘cobra’		tamanduá (o-de-mãos-grossas, pequeno) [CARANÃ]

Por fim, em se tratando dos nomes animados que se referem a humanos, observa-se uma construção condizente com a descrição de Balykova (2019a: 109): no singular, em 3ª pessoa, utilizam-se o sufixo *-di* (NMLZ.SG), seguido da indicação de gênero *-ki* (MASC) ou *-ko* (FEM) e do marcador de singular *-do*. Nos exemplos (39) a (41) a seguir, os nomes formados trazem a ideia de “aquele que X”. A esses exemplos acrescenta-se o (42) de Balykova (2019a: 109), no qual demonstra que no plural são empregados os sufixos *-ye* (NMLZ.INDF) e *~kida* (PL), sendo o gênero neutralizado.

(39) *ohotuhtualikodo, batuhtualikodo ihiaye Dui namono*

oho-tuhtua-li-ko-do

mergulhar-criar.coragem-NMLZ.SG-FEM-SG

baye-tuhtua-di-ko-do

ihi-aye

*** *~dabo~do*

nadar-criar.coragem-NMLZ.SG-FEM-SG

COP-REP: DIST

esposa-SG

‘A esposa do Luis era boa de mergulho (boa mergulhadora) e boa de natação (boa nadadora).’ [AÇAÍ]

(40) *tikiro, ke'noãñe ahsiye o'olikiro, yu'suayegũlẽ o'likiro ihiaye*

ti-ki-do

~ke'doa-ye

asi-ye

ANPH/DEF-MASC-SG

ser.bom-NMLZ.INDF

acender-NMLZ.INDF

o'o-li-ki-do

yu'sua-ye-gu-de

dar-NMLZ.SG-MASC-SG

ser.frio-NMLZ.INDF-ADD-OBJ

o'o-li-ki-do

ihi-aye

dar-NMLZ.SG-MASC-SG

COP-REP: DIST

‘Ele [o senhor das estações] era quem dava o calor e também dava o frio.’ [AÇAÍ]

(41) *mahsã i'yalikido ihiaga*

~bahsa

i'ya-di-ki-do

ihi-aga

gente/seres

comer-NMLZ.SG-MASC-SG

COP-PRES: INTER

‘Ele (a jiboia) costuma devorar pessoas.’ (‘Ele é devorador de pessoas’) [AÇAÍ]

- (42) *bahsayekina*
basa-ye~kida
 dançar/cantar-NMLZ.INDF-PL
 ‘os/as dançarinos/as, cantores/as’

[BALYKOVA, 2019a: 109]

O mesmo sentido, quando aplicado à 1/2ª pessoa, é expressado através dos sufixos *-g#* (1/2MASC), *-go* (1/2FEM) e *--da* (1/2PL) (BALYKOVA, 2019a: 123). Com efeito, em (43) o falante inclui a si mesmo e seus ouvintes no termo “quase sempre contadores”, empregando portanto a forma plural ao nominalizar o verbo serializado *ya 'u-duku* ‘contar-estar.em.pé’.

- (43) *ya 'uduhkumena*
ya 'u-duku~be~da
 falar/contar-estar.em.pé/ficar-FRUS-1/2PL
 ‘(quase) sempre contadores de verdade’

[MACACO *apud* STENZEL & CEZARIO, 2019: 407]

Ainda nessa situação, tem-se um exemplo particular: na expressão (44) a seguir, a nominalização não é feita por um sufixo específico desse fenômeno (como *-di/ -ye*) nem por um cuja função é, entre outras, transformar verbos em nomes (como *-do*). De fato, não recebe sufixo algum; é, porém, uma nominalização, na medida em que o prefixo demonstrativo/determinante *ti-* se associa ao verbo estativo *~ya* ‘ser mal’, gerando o sintagma “aquele maldito” — retoma-se um referente já mencionado e acrescenta-se uma nova característica (“maldito”). Neste trabalho, está classificado como a formação de um nome porque age como núcleo do sintagma nominal de complemento do verbo *~wehe* ‘matar’.

- (44) *tiña wehegu wa 'auta*
ti~ya *~wehe-gu* *wa 'a-u -ta*
 ANPH/DEF-ser.mal matar-1/2SGM ir-1/2SGM-IRR
 ‘Vou matar esse maldito.’

[MACACO *apud* STENZEL & CEZARIO, 2019: 409]

5.2. Modificadores

Em wai'khana não há, como em algumas outras línguas, uma classe aberta de “adjetivos”. As palavras de sentido descritivo são, com raríssimas exceções, raízes verbais que para funcionarem dentro do sintagma nominal recebem características morfológicas de nominalização. Para fins deste trabalho, compreende-se como uma palavra “adjetiva” o “lexema que denota uma propriedade descritiva e que pode ser usado para restringir a referência de um nome” (HASPELMATH, 2010: 670 *apud* BALYKOVA, 2019: 34).

Sendo assim, podem-se encontrar dois tipos de construções: a forma “prototípica” descrita por Balykova (2019a), que faz uso de verbos estativos, e uma forma na qual verbos ativos são empregados como modificadores e apresentam todas as características de concordância que se espera dentro do sintagma (frequentemente essa segunda forma é traduzida para o português através de participios ou de orações relativas).

Para além dessa diferença nas raízes, ambas as formas parecem funcionar de maneira semelhante em termos morfológicos; são semelhantes também aos sufixos usados na criação de novos nomes. Isso se confirma com os verbos estativos à frente: em (45), o sufixo não singular, indefinido *-ye* é acrescentado a *~ke'doa*, ‘ser bom’, modificando o nome massivo *di'ta*, ‘terras’. Os referentes no singular, contáveis *kiti*, ‘história’ (46) e *kaa*, ‘gavião’ (47) têm modificadores formados com o sufixo singular *-do*; percebe-se que tanto *-ye* quanto *-do* seguem o raciocínio geral de “massivo, indefinido, incontável” X “singular, específico” observado no tópico acima.

- (45) *ke'noañe di'tali*
~ke'doa-ye *di'ta-li*
 ser.bom-NMLZ.INDF chão/terra-PL
 ‘terras boas’ [AÇAÍ]

- (46) *pahido kihti*
pahi-do *kiti*
 ser.grande-SG história
 ‘história comprida’ [AÇAÍ]

- (47) *kaale kuedo*
kaa-de *kue-do*
 gavião-OBJ ser.perigoso-SG
 ‘gavião perigoso/ameaçador’

[MACACO *apud* STENZEL & CEZARIO, 2019: 412]

Outro padrão que se repete são os sufixos utilizados para 1/2ª pessoas: em (48), o contexto é que o homem, ao caçar, pensa como se estivesse se dirigindo ao macaco (masculino) ao avaliar se a arma que tem será capaz de derrubá-lo. É utilizado portanto o sufixo *-gu*, portanto.

- (48) *ihidikina mehetha, pehkapedi duhkaꞑpe*
ih-di-~kuda *~behe-ta*
 COP-NMLZ.SG-PL não.ser-EMPH

pekape-di *duka-gu-pe*
 cartucho-PL ser.resistente/forte-1/2SGM-CONTR

‘Você não é daqueles (animais pequenos e fáceis de matar), aguenta (é resistente a) chumbo.’

[MACACO *apud* STENZEL & CEZARIO, 2019: 413]

Por fim, volta-se o olhar para os modificadores que partem de verbos de ação: *~dii* ‘dizer’, *pesa* ‘deitar’ e *duhi* ‘sentar’. Esses casos recebem a sufixação exatamente como esperada para modificadores do núcleo do sintagma, demonstrados na subseção 4.1. Nos exemplos (49) e (50), os referentes são definidos e singulares, levando ao uso de *-di*. Além disso, concordam com o núcleo, apresentando os sufixos *-do* (singular, animado) na concordância com *kaaku* ‘gavião rei’ e *~baa*, ‘igarapé’ para *~baha-ya* ‘Igarapé Arara’.

(49) *kaakɛ tina niidido ihimikoali*

<i>kaakɛ</i>	<i>ti--da</i>	<i>~dii-di-do</i>
gavião.rei	ANPH/DEF-PL	dizer-NMLZ.SG-SG

ihi--bi-koa-di

COP-FRUS-SPEC-VIS.PFV.2/3

‘(Talvez) era o que chamam de gavião-real.’

[MACACO *apud* STENZEL & CEZARIO, 2019: 412]

(50) *tima, mahaña mali niinima*

<i>ti--baa</i>	<i>~baha-ya</i>	<i>~bali</i>	<i>~dii-di--baa</i>
ANPH/DEF-igarapé	arara-CLF.igarapé	1PL.INC	dizer-NMLZ.SG-igarapé

‘O igarapé chamado Arara’ [PAJÉ]

O sufixo *-ye*, plural, equivalente ao singular *-di*, também é utilizado em construções nominalizadoras desse tipo, com o verbo *pesa* ‘deitar’ (51). Tendo como referente um pronome no plural (*ti--kida* ‘eles, aqueles’), acrescenta-se também a marca de plural dos verbos nominalizados em 3ª pessoa *--kida*.

(51) *tikina yuhkɛ buipɥle pehsayekina*

<i>ti--kida</i>	<i>yukɛ</i>	<i>bui-pɥ-le</i>	<i>pesa-ye--kida</i>
ANPH/DEF-PL	árvore	beirada(?)-LOC-OBJ	deitar-NMLZ.INDF-PL

‘Eles (os bichos-preguiça) que estavam deitados em cima da árvore.’ [AÇAÍ]

Tem-se também novamente o sufixo *--da*, marcador de 1/2ª pessoa no plural para a nominalização de raízes verbais. Nesse exemplo (52), o falante se refere a um grupo do qual faz parte e que está sentado em conjunto para ouvir a história que será contada.

- (52) *mali duhibũhũna*
 ~*badi* *duhi-bũhũ--dã*
 1.PL.INCL sentar-AFFECT-PL
 ‘Estamos aqui,’ [Lit.: Sentados, reunidos]

[MACACO *apud* STENZEL & CEZARIO, 2019: 405]

5.3. Morfologia nominal

Resta então averiguar o quanto essas raízes verbais nominalizadas se aproximam do paradigma nominal da língua em termos morfológicos. Como se percebe, os nomes deverbais com referentes animados humanos (com o sentido “aquele que X”) apresentam de modo consistente os sufixos marcadores de número e gênero utilizados também nos nomes não derivados. O quadro (5) abaixo mostra o uso na 3ª pessoa do sufixo singular *-do* e dos indicadores de gênero *-ki/-ko*. O único exemplo de animado humano que não recebe esses sufixos se trata de uma nominalização em 1ª pessoa, construída com *--da* (1/2PL), que é utilizado exclusivamente para nomes deverbais.

Nos nomes animados não humanos e não derivados, o marcador singular *-do* também se faz presente (como em *~pido-do* ‘cobra’), e o mesmo se confirma em *bũhũ-di'i-do--ga*, ‘tamanduá’. Esse último vem além disso acompanhado do sufixo diminutivo *--ga*, a mesma forma utilizada por exemplo em *wa'i --ga-de* ‘peixinho’. O único exemplo no qual essa morfologia não aparece nos dados encontrados é em *ti--ya*, ‘esse maldito’, onde se apresenta contudo o prefixo anafórico/definido *ti-*.

Quadro 5 – Afixos nominais em nomes deverbiais animados

Tradução livre	Forma subjacente e glosa	-do (SG)	-ku/-ko/~kid a (3P)	--ga (DIM)	ti- (ANPH/DEF)
‘boa mergulhadora’	<i>oho-tuhtua-li-ko-do</i> mergulhar-criar.coragem-NMLZ.SG-FEM-SG	✓	✓		
‘boa nadadora’	<i>baye-tuhtua-di-ko-do</i> nadar-criar.coragem-NMLZ.SG-FEM-SG	✓	✓		
‘aquele que dá’	<i>o'o-di-ki-ro</i> dar-NMLZ.SG-MASC-SG	✓	✓		
‘devorador’	<i>i'ya-di-ki-do</i> comer-NMLZ.SG-MASC-SG	✓	✓		
‘contadores’	<i>ya'u-duku--be--da</i> falar/contar-estar.em.pé/ficar-FRUS-PL				
‘tamanduá’	<i>buhu-di'i-do--ga</i> ser.grosso-carne-SG-DIM	✓		✓	
‘esse maldito’	<i>ti--ya</i> ANPH/DEF-ser.mal				✓

Fonte: elaboração própria

Fenômeno semelhante se observa nas raízes verbais que atuam como modificadores de nomes animados: em *~dii-di-do* ‘que eles chamam’ vê-se o uso de *-do*, singular, concordando com o referente ‘gavião rei’. Também aparece em ‘perigoso’, embora nesse caso seja também o único indicador de que a raiz ‘ser perigoso’ está nominalizada. Do mesmo modo, em *pesa-ye-~kida* ‘deitados’, o sufixo plural *-~kida* concorda com o do pronome *ti-~kina* ‘eles/aqueles’. Os últimos dois casos do quadro (6), novamente, estão na 1/2 pessoa, recebendo assim morfologia específica para esse caso de nome deverbal, e não demonstram (pelo menos, esses casos encontrados) o acréscimo de nenhum outro sufixo.

Quadro 6 – Sufixos nominais em modificadores de nomes animados

Tradução livre	Forma subjacente e glosa	Referente	-do (SG)	-ku/-ko/--kida (3P)
‘que eles chamam’	<i>~dii-di-do</i> dizer-NMLZ.SG-SG	<i>kaakɛ</i> gavião.rei	✓	
‘perigoso’	<i>kaa-do</i> ser.perigoso-SG	<i>kaa-de</i> gavião-OBJ	✓	
‘deitados’	<i>pesa-ye-kina</i> deitar-NMLZ.INDF-PL	<i>ti-kina</i> ANPH-PL - os bichos-preguiça		✓
‘resistente a chumbo’	<i>duka-gu</i> ser.resistente/forte-1/2SGM	‘o macaco’ (omitido)		
‘sentados’	<i>duhí-búhú--dá</i> sentar-AFFECT-PL	<i>~badí</i> 1.PL.INCL		

Fonte: elaboração própria

Passando para os nomes inanimados, observa-se no quadro (7) a seguir que os sufixos nominais também aparecem como o esperado. Os termos para ‘frio’ ‘descida da trilha’ e ‘lugar que ninguém consegue ver’ são objetos sintáticos marcados pelo sufixo *-de*. Embora ‘calor’ também seja objeto, está numa construção na qual pode-se afirmar que o sufixo em ‘frio’, também por ter marcação de ‘adicional’, se aplica aos dois casos; a frase original é “aquele que dava o calor e também dava o frio”. O sufixo *-pu* locativo também é visto nos dois casos cujo sentido tem relação com lugar. É interessante notar, como comentário, que diferentemente de *bu'a-do-pu-le* ‘descida da trilha’, onde o verbo é de movimento, em *~i'ye-~do-pu-le* ‘lugar que ninguém consegue ver’ tem-se uma raiz verbal ativa, e é somente através desse sufixo locativo (além do verbo *esa* ‘chegar/permanecer’) que se sabe que o referente é um lugar. A título de exemplo, em (53) abaixo mostra-se o uso do locativo em um nome não derivado (*wu'u* ‘casa’) e o derivado deverbal *bu'a-do-pu-le* ‘na descida da trilha’.

- (53) (a) *tikido yawwɪpule*
tikido *ya-wu'u-pu-le*
 ANPH/DEF-MASC-SG POSS-casa-LOC-OBJ
 ‘na casa dele’ [AÇAÍ]
- (b) *toɪpu bu'adopule*
to-pu *bu'a-do-pu-le*
 ANPH/DEF-LOC descer.na.terra-SG-LOC-OBJ
 ‘na descida pela trilha’ [AÇAÍ]

Ademais, como já discutido acima, em *wuu-dia* ‘avião’ o classificador *-dia* ‘redondo’ é o responsável por indicar que se trata de um nome e por fornecer a informação ‘formato redondo’ associada. Percebe-se, contudo, que para a maior parte dos nomes inanimados abstratos/incontáveis com função de sujeito, nenhum sufixo adicional é necessário.

Quadro 7 – Sufixos nominais em nomes deverbiais inanimados

Tradução livre	Forma subjacente e glosa	-de (OBJ)	-pu (LOC)	CLF
‘frio’	<i>yu'sua-ye-gu-de</i> ser.frio-NMLZ.INDF-ADD-OBJ	✓		
‘descida da trilha’	<i>bu'a-do-pu-le</i> descer.na.terra-SG-LOC-OBJ	✓	✓	
‘lugar que ninguém consegue ver’	<i>i'ne-no-pu-le</i> ver/olhar-SG-LOC-OBJ	✓	✓	
‘avião’	<i>wuu-dia</i> voar-CLF:redondo			✓
‘calor’	<i>asi-ye</i> acender-NMLZ.INDF			
‘bebida’	<i>~si'di-ye</i> beber-NMLZ.INDF			
‘mentira’	<i>~dii-~be'o-ye</i> dizer-não.conseguir-NMLZ.INDF			
‘pensamento’	<i>~dii-do</i> dizer/pensar-SG			
‘canto’	<i>ya'u-do</i> falar/contar-SG			
‘o acontecido’	<i>~di'ka-no</i> acontecer-SG			

Fonte: elaboração própria

Por fim, volta-se para os modificadores de nomes inanimados, com o quadro (8). Em dois dos casos, a concordância já se dá através do nominalizador utilizado. O sufixo *-ye*, indefinido, indica concordância entre *~ke'doa-ye* ‘boas’ e *di'ta-li* ‘terras’, no plural, enquanto *-do*, singular, concorda *pahi-do*, ‘comprida’, com *kiti* ‘história’. O único caso em que isso não se aplica é quando é necessária a concordância com um classificador; em *~dii-di-~gaa* ‘chamado’, o repetidor *~gaa* ‘igarapé’ é necessário, visto que o nominalizador singular *-di* sozinho não indica essa informação para a concordância.

Quadro 8 – Sufixos nominais em modificadores de nome inanimados

Tradução livre	Forma subjacente e glosa	Referente	CLF
‘chamado’	<i>~dii-di-maa</i> dizer-NMLZ.SG-igarapé	<i>~baha-ya</i> arara-CLS.igarapé	✓
‘boas’	<i>ke'noa-ye</i> ser.bom-NMLZ.INDF	<i>di'ta-li</i> chão; terra-PL	
‘comprida’	<i>pahi-do</i> ser.grande-SG	<i>kiti</i> história	

Fonte: elaboração própria

6. CONCLUSÃO

Este trabalho foi concebido com o objetivo de estudar mais a fundo o fenômeno da nominalização na língua wa'ikhana. Os aspectos que foram observados foram restritos apenas às nominalizações ocorrendo dentro do sintagma nominal; com efeito, um primeiro objetivo foi averiguar em quais funções dentro do sintagma podem ocorrer. Além disso, atentou-se para quais possibilidades morfológicas estavam sendo utilizadas para transformar raízes verbais em palavras nominais. Por fim, observou-se também o quanto essas novas palavras se alinham ao paradigma nominal da língua; ou seja, se nos casos de nominalização apareceram as mesmas categorias nominais que se encontram em outros nomes não derivados.

Para tal, utilizou-se uma definição funcional de “nominalização”: foram considerados verbos nominalizados aqueles que estavam cumprindo funções tipicamente realizadas por itens nominais, e a partir deles foram verificadas as características da forma da nominalização. Essa definição exigiu que se demonstrasse então quais são essas características dos nomes na língua wa'ikhana; sua subdivisão entre animados e inanimados, as categorias gramaticais que podem ser marcadas em que cada uma dessas subclasses (ou ambas), o funcionamento geral dos modificadores e de outras classes que também compõem o sintagma, e o modo como a concordância tipicamente se dá.

Os dados analisados foram seis narrativas gravadas em vídeo, transcritas e traduzidas por falantes da língua, e então acrescentadas ao software FleX para a segmentação em morfemas e análise. Com esses dados foram feitas listas com as ocorrências de nominalização semelhantes, a fim de se estudarem as suas características morfológicas. Foram averiguadas duas funções exercidas dentro do sintagma nominal: a de núcleo, com a formação de novos nomes, e a de modificador.

No primeiro caso, viu-se que esses processos de nominalização não parecem ser limitados em termos de “tipos” de nomes criados: havia nomes inanimados abstratos, incontáveis e concretos, e animados humanos e não humanos. Ainda há o caso especial de um padrão nas construções que indicavam “aquele que X”, como *o'o-di-ki-ro* ‘aquele que dá’, *i'ya-di-ki-do* ‘aquele que come’. Nessa segunda função, os modificadores foram formados tanto a partir de verbos estativos, que seria a forma prototípica do “adjetivo” no wa'ikhana, conforme demonstrou Balykova (2019a), quanto de verbos ativos, gerando situações muito semelhantes aos participípios no português (e em outras línguas).

As estratégias de nominalização também foram bastante constantes, constituídas de quatro recursos principais:

- (i) os sufixos *-di* e *-ye*, que parecem ter a função exclusiva de nominalizadores, foram utilizados respectivamente para a formação de palavras no singular e no plural, indefinido, abstrato, massivo ou incontável;
- (ii) o sufixo *-do*, parte do paradigma dos nomes não derivados para indicar singular, apareceu na formação de nomes com referentes específicos, como um tipo específico de canto ou uma trilha que já foi identificada anteriormente na fala;
- (iii) para a construção de palavras na 1ª ou 2ª pessoa, foram utilizados os sufixos específicos *-gu* (no masculino), *-go* (no feminino) e *--da* (no plural, sem diferenciação de gênero); e
- (iv) classificadores, parte importante do paradigma dos nomes inanimados, são utilizados para criar nomes a partir de verbos.

Houve ainda um caso, identificado uma única vez, no qual o morfema anafórico / determinante *ti-* foi utilizado nessa função, retomando um referente já comentado. Todos esses processos foram observados tanto no caso da formação de nomes quanto no uso como modificadores, nos quais a escolha do sufixo era dependente do nome que estava sendo modificado, seguindo, portanto, o padrão de concordância esperado dentro do sintagma.

Em termos de semelhanças com o paradigma nominal na indicação de outras categorias, o que se constatou novamente foi uma semelhança grande com os nomes não derivados. Nos nomes animados (e nos modificadores de nomes animados) em 3ª pessoa, marcou-se com *-do* o singular, e no caso dos referentes humanos, também o gênero/número através de *-ku/ki* (masculino singular), *-ko* (feminino singular) e *--kida* (plural). Nos inanimados, houve casos com classificadores/repetidores e com o sufixo locativo *-pu*. Além disso, o marcador de objeto *-de* foi utilizado mais de uma vez.

Os objetivos do trabalho portanto foram cumpridos. Nos dois casos de nominalização identificados dentro do sintagma, quatro estratégias recorrentes puderam ser descritas, e os exemplos sugerem que o paradigma dos nomes e modificadores deverbais alinha-se significativamente com o dos nomes não derivados. Retomando as alternativas expostas na revisão bibliográfica, conclui-se também que a formação de nomes deverbais em wa'ikhana pode ocorrer tanto a partir de afixos específicos para a nominalização (como *-di* e *-ye*) quanto de afixos com outras funções (como os classificadores) que simultaneamente nominalizam o verbo.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AIKHENVALD, A. Cap. 7: Word-class changing derivations in typological perspective. In: AIKHENVALD, A.; DIXON, R.M.W. *Language at large: essays on syntax and semantics*. Leiden: Brill, 2011. p. 221-289.
- BALYKOVA, K. *Expressão de propriedades no Guató e no Wa'ikhana*. 2019. 233 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Linguística, Rio de Janeiro, 2019.
- _____. What do oranges and hammers have in common? The classifier 'round' in Wa'ikhana and other East Tukano languages. In: *LIAMES*, Campinas, SP, v. 19, p. 1-24, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.20396/liames.v19i1.8655262>
- CEZARIO, B.S. *A evidencialidade em Wa'ikhana (Tukano Oriental): uma proposta funcional-tipológica*. 2019. 142 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Linguística, Rio de Janeiro, 2019.
- COMRIE, B.; THOMPSON, S.A. Cap. 6: Lexical nominalization - In: SHOPEN, T. (org.). *Language typology and syntactic description*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2007, vol.3., p. 334-381.
- DIXON, R.M.W. Cap. 17: Relative clause constructions. In: _____. *Basic Linguistic Theory*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2010, vol. 2. p. 313-369.
- _____. Cap. 18: Complement clauses and complementation strategies. In: _____. *Basic Linguistic Theory*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2010, vol. 2. p. 370-418.
- ELAN (Versão 6.4) [Software]. Nijmegen: Max Planck Institute for Psycholinguistics, 2022. Disponível em: <https://archive.mpi.nl/tla/elan>. Acesso em: 05/01/2022.
- EQUIPE DE EDIÇÃO DA ENCICLOPÉDIA POVO INDÍGENAS NO BRASIL & CAETANO DA SILVA, A. S. *Pira-tapuya*. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Pira-tapuya>. Acesso em 03/01/2023.
- OVERALL, S. E. & WOJTYLAK, K. I. Nominalization in Northwest Amazonia; Introduction. In: *STUF - Language Typology and Universals*, vol. 71, n. 1, 2018, p. 1-18. DOI: <https://doi.org/10.1515/stuf-2018-0001>
- PAYNE, T.E. Cap. 3: Grammatical categories. In: _____. *Describing Morphosyntax: a guide for field linguists*. Cambridge: University Press, 1997. p. 32-70.
- _____. Cap. 9: Other verb and verb-phrase operations. In: _____. *Describing Morphosyntax: a guide for field linguists*. Cambridge: University Press, 1997. p. 223-260.

STENZEL, K. Multilingualism: Northwest Amazonia, Revisited. In: *Proceedings of the Second Annual Congress CILLA / Memorias del Congreso de Idiomas Indígenas de Latinoamérica II CILLA*. Austin: University of Texas, 2005.

STENZEL, K.S. *A reference grammar of Kotiria (Wanano)*. Lincoln: University of Nebraska, 2013. p. 76-89.

STENZEL, K. & CEZARIO, B. Wa'ikhana: Wehsep̃ buude wehẽg̃ ehsamii emo sañodukug̃ t̃'osuã . Fui à roça caçar a cutia. Ouvindo o grito do macaco guariba no mato, fui atrás. In: *Revista LinguiStica*. Vol. 15 n. 1, jan.-abr./2019, p. 384-417.

VAN GIJN, R.; HAUDE, K.; MUYSKEN, P. Subordination in South America: an overview. In: _____. *Subordination in South America*. Amsterdam: John Benjamins B.V., 2011. p. 1-25.